

Current challenges in Gynecology and Obstetrics Desafios atuais em Ginecologia e Obstetrícia

Carla Ramalho¹

A comunicação clínica continua um desafio nos cuidados de saúde, não sendo a Ginecologia e a Obstetrícia uma exceção. A atualidade do tema é demonstrada por um artigo publicado neste número, em que os autores fazem uma revisão sobre a Comunicação Médico-Doente em Ginecologia e Obstetrícia¹. As alterações sociais e culturais verificadas na nossa sociedade são mais um desafio à comunicação clínica. O aumento da imigração introduz novas culturas na sociedade e, muitas vezes, acarreta barreiras linguísticas, o que condiciona dificuldades na comunicação. Esta questão é ainda mais importante, quando se sabe que as diferenças de cultura podem condicionar diferenças de atuação por parte dos profissionais e constituir um fator de risco para morbidade e mortalidade². Em 2018, a propósito de competências de comunicação clínica em obstetrícia escrevi que a formação pós-graduada estava ainda muito centrada no conhecimento teórico e nas competências técnicas, o que era motivo de preocupação dos jovens médicos³. Esta preocupação continua atual, apesar das alterações ao programa de formação e avaliação que refere nos objetivos formativos, para além da aquisição de conhecimentos, a aquisição de aptidões, onde é especificada a “Comunicação com o casal e interpares”⁴. A portaria determina também o novo modelo de avaliação, nomeadamente com a introdução de uma prova prática na avaliação final, que “inclui, sempre que possível, recurso a modelos de simulação”⁴. Será que os serviços já estão a valorizar as competências de comunicação na formação e na avaliação continua dos internos de formação específica? Ou será que continuam a valorizar apenas os conhecimentos e aptidões técnicas?

As alterações sociais verificadas na nossa sociedade, com a diminuição da natalidade e o adiar da maternidade, associada à possibilidade de preservação eletiva de ovócitos, é sem dúvida outro desafio para a Ginecologia e a Obstetrícia. Neste âmbito, temos neste número um artigo que aborda o conhecimento das estudantes universitárias sobre a preservação eletiva de ovócitos⁵.

Na sequência da pandemia COVID-19 e à semelhança do que já acontece na vigilância de algumas doenças crónicas, o recurso a modelos de telessaúde é uma realidade também na Ginecologia e Obstetrícia. São várias as possibilidades, com modelos síncronos, assíncronos ou monitorização remota⁶. Apesar da avaliação presencial continuar a ser a abordagem clínica de primeira linha, a introdução de programas remotos de vigilância clínica é mais um desafio à comunicação. As premissas da comunicação clínica estão centradas na abordagem presencial e terão de passar a integrar a comunicação remota. A confiança poderá demorar mais tempo a ser alcançada e a diminuição da valorização do silêncio e da avaliação do não-verbal é inevitável.

Dentro da evolução tecnológica destaco a grande evolução que tem ocorrido na *FemTech*, produtos que utilizam a tecnologia para melhorar a saúde das mulheres, sendo metade destes produtos da área da obstetrícia e saúde reprodutiva⁷. A introdução no mercado destes produtos não está devidamente regulamentada⁸, mas isso não impede que nos possamos deparar com a sua utilização por parte das nossas utentes. O ideal seria que a introdução no mercado destes produtos fosse regulamentada e devidamente avaliada. Da nossa parte, vai exigir que nos dediquemos a conhecer estes produtos para seja possível a discussão sobre a sua utilização, integrada numa decisão médica partilhada. Um destes dispositivos, o copo menstrual, foi alvo de uma revisão publicada neste número da AOGP⁹,

1. Editora-chefe da Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa. Unidade Local de Saúde de São João, Porto. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. RISE-Health.

constituindo um exemplo do que deve ser feito em termos de avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Silva DP, Castro MG, Rodrigues P, Carvalho MJ. Patient-Physician Communication in Gynecology and Obstetrics. *Acta Obstet Ginecol Port* 2024;18(2):102-113
2. Clark RRS, Klaiman T, Sliwinski K, Hamm RF, Flores E. Using incident reports to diagnose communication challenges for precision intervention in learning health systems: A methods paper. *Learn Health Syst* 2024 May 9;8(Suppl 1):e10425. doi: 10.1002/lrh2.10425
3. Ramalho C. Communication skills in Obstetrics. *Acta Obstet Ginecol Port* 2018;12(4):254-5
4. Portaria n.º 244/2021 de 9 de novembro, Diário da República n.º 217/2021, Série I de 2021-11-09, páginas 29-39
5. Costa MD, Maravalhas M, Pontes, B, Silva LC, Trocado V, Cardoso AS, Pinheiro P. Elective oocyte cryopreservation in the women empowerment era: Perspectives and Attitudes among female college students in Portugal. *Acta Obstet Gynecol Port* 2024;18(2):89-100
6. ACOG Presidential Taskforce on Telehealth. Implementing telehealth in practice: ACOG Committee Opinion Summary, Number 798. *Obstet Gynecol* 2020;135(2):e73-9
7. <https://analytics.dkv.global/FemTech/FemTech-Industry-2021-Report.pdf>, accessed 30/06/2024
8. McMillan C. Monitoring female fertility through 'FemTech': the need for a whole-system approach to regulation. *Med Law Rev* 2022;30:410-33
9. Portela D, Oliveira J, Silva AP. Menstrual Cup – A Scoping Review on the Advantages and Disadvantages. *Acta Obstet Gynecol Port* 2024;18(2):123-150

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Carla Ramalho
E-mail: carlaramalho@med.up.pt
<https://orcid.org/0000-0002-3977-3946>